

Saudação da Imprensa ao Senado Federal

DR. PRUDENTE DE MORAES, NETO

Presidente da Associação Brasileira de Imprensa

A Associação Brasileira de Imprensa tem hoje a honra insigne e a imensa alegria de receber a visita de Vossa Excelência, Senhor Presidente Magalhães Pinto, bem como a de tantas outras eminentes figuras da Câmara Alta, que, neste momento, como uma verdadeira Delegação do Senado, nos proporcionam, a nós da Casa dos Jornalistas, o privilégio de ligar nossa classe pro-



O Dr. Prudente de Moraes, neto, faz a saudação ao Senado Federal

fissional às manifestações que vêm celebrando, em todo o País, o Sesquicentenário da instituição do Parlamento ou Congresso do Império, depois República, do Brasil.

É o Senado, Senhor Presidente Magalhães Pinto, que vem “dar um ar de sua graça” (e a expressão readquire, aqui, todo seu sentido originário) à velha cidade que o viu nascer e foi, no decurso de mais de um século, o teatro de suas gloriosas jornadas e seus brilhantes e valorosos torneios. Ao lado da Câmara dos Deputados, e temperando, por vezes, seus mais frequentes arroubos, o Senado vem participando, há século e meio, da determinação dos nossos destinos de Nação livre e em constante ascensão, pela lúcida análise e pelo correto equacionamento dos problemas brasileiros. A República, ainda hoje à procura de sua exata formulação, encontrou, no Congresso, e muito particularmente no Senado, a voz oracular e conspícua que melhor conseguiu defini-la. Foi, efetivamente, o extraordinário fulgor da palavra do grande arquiteto de nossas instituições democráticas e republicanas, foi a formidável força dialética de Rui Barbosa, que nos permitiu erguer e aprimorar um monumento constitucional que só nos falta saber preservar em suas linhas mestras, operando-o de acordo com sua índole.

E o Senado foi, sempre, a Casa, foi, sempre, a principal tribuna de Rui Barbosa — sem desmerecer as glórias colhidas, pelo Senador e Conselheiro, na tribuna judiciária e na tribuna pública e livre dos comícios. Falando aos magistrados ou ao povo, era, porém, a voz do Senador que se fazia ouvir. Do Senador, com sua dupla responsabilidade de representante do povo — e nunca houve nenhum mais autêntico — e de artífice-mestre do regime.

Mas Rui Barbosa lutava ainda em outra trincheira, que mais o aproxima dos que convivem nesta Casa, da qual, por isso mesmo, é como um patrono nato: o excelso tribuno, o incomparável advogado, foi, também, o indomável jornalista, cujo ímpeto, sempre animado da fúria sagrada da justiça, lhe reservou participação decisiva, embora fosse Conselheiro do Império, na campanha que precipitou “a queda do trono”. Campanha, de sua parte,

jornalística. Uma das grandes campanhas jornalísticas em que transpareciam, como dominantes, as inconfundíveis virtudes características do grande homem de Estado que havia nele e que mal se compreende como podem ter escapado à prova real do exercício do Governo.

Jornalista e jurisconsulto como não houve mais autorizado, Rui foi o estrênuo defensor da liberdade de imprensa, que inseria, com destaque, no elenco das liberdades democráticas, de todas as sagradas liberdades da pessoa humana. Foi paladino e campeão da luta por essas liberdades, que tantas vezes invocou perante o recinto ilustríssimo do Senado, no desempenho dos deveres inerentes ao mandato que elevou ao máximo de dignidade e de grandeza jurídica, moral e política.

O Congresso Nacional — Particularmente o Senado — e a imprensa brasileira encontram-se, pois, neste seu lugar comum que é o culto devido ao mesmo num tutelado, a esse autêntico Pai da Pátria, que foi, também, o seu ídolo. Não se esgotam em tal culto, é claro, as afinidades do que temos, Senado e Imprensa, de vocação comum. Encontramo-nos ainda e sempre na projeção e nos prolongamentos das idéias e da ação daquele pró-homem que tão perfeitamente nos encarnou as aspirações e tendências, aos homens da imprensa e aos da política, pois os tempos passam, os problemas sucedem-se, ou parecem suceder-se, mas, na verdade, persistem e sobrevivem. As lutas pela liberdade são, substancialmente, as mesmas, por toda parte e por todo o sempre. Variam os modos, as técnicas, as táticas, os objetivos específicos: no fundo, a mesma fascinação da liberdade, a mesma sede de justiça. É o que melhor nos define a condição humana e, afinal, nos enobrece e justifica a vida. A inconformidade com a opressão e a prepotência, venham de que lado vierem e sejam quais forem os seus pretextos, é o que há de inalienável no Homem, condição mesma da própria atividade do espírito, aquela condição que é, na criatura humana, a marca, o sinete do Divino.

Senhor Presidente do Senado, Senhores Senadores: esta Casa é, de certa forma, uma extensão da vossa, pois é a Casa da Imprensa e a Imprensa é a caixa de ressonância natural e indispensável dos vossos trabalhos, como representantes da Nação. Sois e sereis sempre bem-vindos a esta vossa Casa. Especialmente neste momento e para este fim, de comemorar a instituição, no Brasil, do Poder mais diretamente ligado às fontes popula-

res, de que todos emanam, pela multiplicidade das correntes de opinião que acolhe e deve exprimir, em sua soberania: o Poder Legislativo. Vossa presença entre nós, que tanto nos honra, aos profissionais da Imprensa, vossa palavra, que tanto nos há de iluminar, em sua sabedoria, engrandecem-nos e vos engrandecem, pelo vivificante exemplo de tolerância e compreensão para com aqueles a quem incumbe, entre muitos outros, o dever, tantas vezes penoso, de criticar. Por nosso lado, compreendemos que toda crítica suscita ou admite réplica e que nem sempre o seu exercício se confunde com o da boa razão. Após o embate das formulações antagônicas, muitas questões permanecem na zona cinzenta do irresoluto e duvidoso, a requerer novas e mais profundas análises e críticas. E é essa permanente oscilação, o que importa; sua livre proposição e debate, o que faz a sustentação, a beleza, a eficácia da democracia.

Não há, porém, antagonismos ou divergências, quando se trata, como neste momento, de comemorar, homenagear, enaltecer o Poder Legislativo. Estou certo de interpretar o pensamento de toda minha classe, ao ressaltar que toda a Imprensa brasileira se associa ao vosso sentimento e à vossa iniciativa, Senhor Presidente Magalhães Pinto, no ensejo de uma comemoração de que participa, jubilosa, toda a Nação brasileira, cujos destinos têm sido delineados, nos últimos 150 anos, com a colaboração efetiva, sábia e patriótica dos seus representantes nas duas Casas do Congresso — esse Congresso que tantas vezes lhe tem antecipado os rumos, apontando solução adequada para os seus problemas.

Esta, Senhor Presidente Magalhães Pinto, a palavra que, em nome da nossa ABI, cumpria trazer a Vossa Excelência, como preito da nossa homenagem e do nosso agradecimento por esta magna sessão que ora nos está proporcionando o Senado. Sessão que ficará como um marco, uma grata e gloriosa efeméride, na história da ABI.

Tanto mais grata, quanto, à vossa presença e palavra, junta-se a circunstância de ser intérprete do Senado, neste ato comemorativo, alguém tão intimamente ligado à Imprensa, à ABI e a mim mesmo, como o meu querido Redator-Chefe, Senhor Senador Danton Johim.